

A criança e o viver urbano campineiro: um trabalho inicial de fruir e reconhecer (se) (n)a cidade

RENATA SIEIRO FERNANDES

Pedagoga, mestre e doutora em Educação pela Unicamp e professora de ensino fundamental

MARCO ANTONIO F. SCARASSATTI

Compositor, mestre em Multimeios, doutorando em Educação pela Unicamp e professor da UniAnchieta - Jundiaí-SP

RESUMO

Este artigo apresenta e discute um trabalho sobre o tema das cidades, realizado com crianças de 9-10 anos, de uma escola particular da cidade de Campinas-SP. O trabalho começou a partir dos conhecimentos iniciais que as crianças tinham ou imaginavam sobre as cidades e o meio urbano e completou-se com uma experiência de fruição e de reconhecimento da cidade através de andanças por ruas e pontos de contato e convívio social campineiros.

Palavras-chave: Urbanidade. Criança e cidade. Representações de cidade

ABSTRACT

This article presents and discusses a project on the theme of Cities, which was developed with 9 and 10 year-old children enrolled in a private school in Campinas, São Paulo. The work began with the children's initial knowledge and imaginations about cities and urban environments, and culminated in an experience of appreciation, enjoyment and recognition of downtown Campinas through walks along the city streets and points of contact and social interaction.

Key words: Urbanism. Child and city. City representations

“A corruira canta
 canta
 canta
 O dia chega triste e nublado
 O dia por dentro
 E por fora” [1]

1 - Haikai de autoria
 de Margareth
 Brandini Park.

Breves descrições de quatro cidades inventadas:
“Ufú é a capital de Ifi, a nação mais rica de que a História tem notícia. Naturalmente, Ufú é a mais vasta cidade que os homens já construíram, e continua a crescer. Seu núcleo é constituído de vários núcleos menores, divididos em centenas de avenidas vastíssimas, a tal ponto que ninguém nunca percorreu qualquer delas de uma ponta a outra, muito embora os habitantes de Ufú quase nunca andem a pé; passam boa parte de sua vida em ônibus, trens subterrâneos, automóveis ou helicópteros”.

“Como em qualquer outra cidade, Rti era constituída de casas e ruas, praças e avenidas, dispostas numa ordem arquitetônica supostamente conveniente ao modo de vida de seus habitantes. Com a diferença de que Rti não ficava sobre a terra, mas abaixo da superfície, e toda a sua área não ia além de quinhentos metros quadrados. Seus edifícios mediam entre dez e trinta centímetros de altura”.

“No solo vidrento e metálico, onde os arbustos cresciam como arames, e as flores, feias, tinham por pólen a ferrugem, à sombra da cordilheira negra, toda ela de ferro, erguida até as nuvens feito uma muralha, e ali embaixo, numa vasta cratera, implantara a cidade, que os raios chicoteavam durante as tempestades. Aldrova”.

“Tyfw nasceu por acaso, se é que existe acaso. Uma tribo, conhecida por Budhun, que tinha horror a banho, veio do antigo Kastião, expulsa de lá porque fedia muito, e parou à margem direita do rio Fiore. A área era deserta e eles se sentiram livres para, ali, feder à vontade. Não sabiam, porém, que outra tribo, a dos Al-Fhaz-Ens, expulsa da região de Bost porque se perfumava demais, iria acampar na outra margem do rio”.

Tais cidades saíram da imaginação do poeta e escritor Ferreira GULLAR (1997) e, juntamente com outras, totalizam as vinte e duas cidades que constam de seu livro sobre o tema. Os detalhes, as informações para suas construções saíram de vivências, olhares, percepções, de “leituras de adolescência, quando mergulhava, fascinado, no universo perdido das primeiras comunidades humanas” [2] e tomaram forma com a ajuda do tempo passado e do fermento da invenção e criação.

2 - Citação constante
 da contracapa do
 livro.

Outras breves descrições de duas cidades invisíveis, visitadas e narradas por um explorador veneziano:

“Naquela direção, após seis dias e sete noites, alcança-se Zobeide, cidade branca, bem exposta à luz, com ruas que giram em torno de si mesmas como um novelo. Eis o que se conta a respeito de sua fundação: homens de diferentes nações tiveram o mesmo sonho – viram uma mulher correr de noite numa cidade desconhecida, de costas, com longos cabelos e nua. Sonharam que a perseguiam. (...) após o sonho, partiram em busca daquela cidade; não a encontraram, mas encontraram uns aos outros; decidiram construir uma cidade como a do sonho. Na disposição das ruas, cada um refez o percurso de sua perseguição; no ponto em que havia perdido os traços da fugitiva, dispôs os espaços e a muralha diferentemente do que no sonho a fim de que desta vez ela não pudesse escapar”.

“Em Cloé, cidade grande, as pessoas que passam pelas ruas não se reconhecem. Quando se vêem, imaginam mil coisas a respeito umas das outras, os encontros que poderiam ocorrer entre elas, as conversas, as surpresas, as carícias, as mordidas. Mas ninguém se cumprimenta, os olhares se cruzam por um segundo e depois se desviam, procuram outros olhares, não se fixam.”

Muitas outras dezenas de cidades saíram da imaginação e da descrição de Ítalo CALVINO (1990) e foram parar nas bocas de dois personagens: Kublai Khan e Marco Polo. A escolha do tema e do contexto das cidades permite-lhe “maiores possibilidades de exprimir a tensão entre a racionalidade geométrica e o emaranhado das existências humanas”. [3]

3 - Citação constante da “orelha” do livro.

Em um e em outro autor a geografia dos espaços é esculpida pelas relações que se estabelecem entre seus cidadãos. O mesmo se dá na cidade em que pomos os pés, na mais próxima a nós, na real, concreta e nas suas possibilidades de mudanças e transformações, ou na cidade que passa a ser desejada.

Trabalhando com o tema das cidades, durante um período de três a quatro meses, com uma turma de meninos e meninas de 9 e 10 anos de idade, de uma escola particular de Campinas-SP, baseamo-nos nas hipóteses iniciais dessas crianças sobre o que sabem, conhecem ou imaginam da cidade em que vivem para, então, problematizá-las e provocar um outro tipo de olhar ou um outro foco de percepção sobre ela, uma mudança de sentido – que pudesse se iniciar nesse projeto de trabalho.

Paralelamente a esse exercício de representação feito, primeiramente, sob a forma de texto e de desenho, fomos lendo outras histórias

4 - Uma história bastante interessante e que vale a pena citar por mostrar a cidade sob um ângulo bastante incomum, privilegiando seus subterrâneos, encontra-se em *PIOCHI, Eduardo, Depois que todo mundo dormiu, SP: ed. Ática, 1980.*

sobre cidades, [4] poesias, vendo imagens fotográficas de postais e de outros veículos de mídia impressa, revistas, jornais, vendo imagens de filmes em movimento (como *Koyaniskaatsi*, de Godfrey Reggio, 1983), ouvindo músicas que nos apresentavam diferentes aspectos do viver em pequenas e médias cidades, grandes metrópoles e diferentes formas de manifestação desse viver urbano. E culminamos como uma andança coletiva por ruas da cidade, passando, principalmente, por locais públicos e de bastante concentração popular, registrando em imagens a população, os traços arquitetônicos, as cores dos produtos em exposição; colecionando os sons ambientes, ruídos, chiados, conversações; e guardando na memória as impressões, sensações, os sentimentos, os cheiros provocados pelos encontros, contatos e proximidades corporais.

As crianças, como cidadãos - no sentido de habitantes da cidade -, também a vivem e a apreendem de uma forma diferente da de outras gerações. Apesar da constante violência atual, a cidade é o locus principal de experimentação e vivência, com maior ou menor frequência de encontros pessoais, com espaços de circulação e/ou de fixação, com mais ou menos proximidade das diferentes realidades que se ambientam nesse contexto espacial e temporal. Entretanto, a riqueza das experiências é proporcional à profundidade do mergulho que se dá em águas conhecidas e não-conhecidas, ou seja, relaciona-se à disposição para arriscar-se em novos e nos mesmos territórios.

A realidade dessas crianças com as quais trabalhamos é bastante sintomática dos dias atuais; ao mesmo tempo que possuem um vasto repertório informativo sobre os mais diferentes assuntos - advindos de diversos e modernos meios de comunicação (internet, tv a cabo, jornais, revistas, livros, cinema, música, artes) -, seus contatos diretos com o meio social ao redor são restritos pois que impermeáveis aos vidros dos carros e aos muros dos condomínios fechados. Essas crianças passam grande parte de seu tempo tuteladas por adultos ou mediatizadas e, dessa forma, suas chances de experimentar direta e imediatamente a cidade, são restringidas e restritas.

Somam-se a isso outros dois aspectos inerentes ao conhecimento de uma realidade, que se dão, segundo TRILLA, (1997:30) de forma superficial e de forma parcial. Sobre o aspecto da superficialidade, diz o autor:

“Informalmente aprendemos a usar quotidianamente a cidade, mas aprendemos muito menos a entendê-

la e a decodificá-la além da obviedade. Informalmente descobrimos a aparência da cidade mas não detectamos sua estrutura; conhecemos sua atualidade mas desconhecemos sua gênese e sua prospeção". *(tradução pessoal a partir do original em espanhol)*

O outro limite do conhecimento da realidade é o aspecto da parcialidade.

"Fatores como classe social, o lugar de residência, o grupo geracional, o trabalho, os hábitos familiares ou de ócio de cada qual determinam que cada indivíduo não conheça mais que uma parcela ou uma dimensão muito limitada de sua cidade. Isso se dá porque, na realidade, uma cidade está composta de muitas cidades diferenciadas objetiva e subjetivamente: a cidade dos jovens e a cidade dos mais velhos; a dos ricos e a dos pobres; a noturna e a diurna; a cidade da marginalização e a cidade que mostram os postais". (Idem: 30)

Em síntese, "na cidade coexistem e se justapõem ambientes e trajetos tão diversos como também discriminatórios e seletivos". (Ibidem: 30) O autor propõe, então, que para

"fazer da cidade um objeto de educação significa superar esses limites de superficialidade e parcialidade que se dão pela aprendizagem espontânea (...) e é aqui que têm um importante papel a realizar as instituições ou intervenções expressamente educativas: escolas e universidades, instituições de educação no tempo livre, intervenções de animação sociocultural, educadores de rua...". (Ibidem: 30-31)

Essa atuação ocorreria da seguinte forma:

"... deveria-se ampliar a possibilidade de experiência direta que as crianças podem fazer de sua cidade. Por experiência direta refiro-me ao contato real, imediato com o meio; a uma relação não mediatizada senão que efetivamente vivida". (Ibidem: 31)

Sendo assim, a escola e nós, adultos-professores, como membros dessa instituição e dessa comunidade, procuramos oferecer oportunidades

impares para que essas crianças passem a reconhecer sua cidade e a estabelecer com ela novos vínculos sentimentais e sensoriais. Mesmo que, ainda, de forma incipiente, os momentos existem e são buscados e, embora muitas vezes se limitem a visitação de espaços fechados, confinados (por exemplo: parques, zoológico, hortas, museus, exposições, cinema, teatro etc), temos oferecido oportunidades para as andanças por trechos do Centro, por utilização de praças e seus brinquedos, pelo contato mais de perto com outros cidadãos de outras esferas e agrupamentos sociais.

Tentando se contrapor a uma tendência da modernidade - a do isolamento, do medo da impessoalidade, de reduzidos vínculos afetivos -, queremos acreditar em outras formas de contato social, expondo - com cuidados - as crianças ao seu universo de conhecimento e ação, para relativizarem suas impressões de segunda mão - muitas vezes - e redefinirem suas hipóteses acerca do mundo, das pessoas e do viver em coletividade.

“A violência urbana, a competição, o desconhecimento do próprio espaço da cidade que levam o indivíduo a buscar o refúgio em sua intimidade doméstica se faz em torno de encontros confiáveis e dentro de seletivas formas de sociabilidade. O sentimento de insegurança relacionado com a vida na cidade pode levar à busca da segurança em espaços fortificados.

Os shoppings têm prioridade frente à opção das ruas de comércio aberto; os condomínios se apresentam como exemplos de autonomização econômica e cultural em substituição aos espaços públicos da cidade; crescem cada vez mais os serviços tecnológicos de entretenimento doméstico - televisão a cabo, homevídeos, jogos eletrônicos e internet - e colocam-se a serviço da ética do isolamento; as entregas em domicílio se diversificam, poupando os indivíduos da circulação nos espaços públicos. A vida na cidade se orienta, em muitos momentos, pela busca de espaços particulares onde o indivíduo possa se isolar de tudo aquilo que lhe causa medo e constrangimento”. (CARRANO, 2003: 82)

Antes de levarmos as crianças a caminharem e passearem pelas ruas do Centro campineiro, vejamos como são suas representações iniciais de sua cidade, sob as formas de registro pictórico e textual.



O QUE APARECE NOS DESENHOS INFANTIS DA CIDADE

A proposta apresentada para as crianças, em dois momentos diferentes, foi que representassem através do desenho a vida na cidade durante o dia e durante a noite, durante os dias da semana e aos finais de semana. A idéia que embasou as propostas foi promover uma atenção para as diferenças de práticas e de fazeres dos mais variados grupos sociais (crianças, jovens, adultos, velhos, homens e

mulheres) sob a luz natural do sol e sob a luz artificial das lâmpadas (a vida diurna e a vida noturna), bem como para o cotidiano do trabalho (ao longo da semana) e os momentos de lazer e ócio (aos sábados e domingos).

Os desenhos, muito coloridos, dão preferência aos dias de sol, aparecendo apenas uma representação de dia chuvoso. Quanto à forma de representação, aparecem três ângulos de olhares: vista frontal, vista superior ou aérea, misto das duas. Embora a vista superior ou aérea não seja a mais escolhida, é uma busca de representação cartográfica enquanto que a frontal - com alta frequência de ocorrência - é uma busca mais próxima da fotográfica, com escolha de cenas a serem retratadas.

Quanto ao conteúdo, na grande maioria dos casos, aparecem pessoas sendo poucas as ocorrências de espaços vazios embora em alguns casos, a presença de pessoas possa ser intuída pela indicação de carros em movimento.

Aparecem tanto pessoas em inter-relação como isoladamente. As pessoas isoladas são representadas em situações de espera por fregueses ou clientes para serem atendidos, indo para a boate, aguardando o ônibus, caminhando à noite pelas ruas usando uma lanterna ou apenas caminhando, esperando alguém, dentro de sua casa vendo tevê, sentado em cadeira de balanço, dormindo, indo para a escola, passeando com cachorro, apagando incêndio, anunciando produtos, esperando para serem atendidas em banco. As pessoas em situação de relação são representadas conversando, caminhando de mãos dadas, sofrendo assalto, sentadas muito próximas em um banco de praça, comprando produtos, beijando-se, dançando em pares, jogando futebol ou vôlei em quadra ou campo, atravessando a rua em grupo, ouvindo palestra, sendo resgatado de afogamento no mar.

Muitas marcas de paisagismo, urbanismo, arquitetura aparecem: semáforos, placas de sinalização, lombadas, calçadas, linhas tracejadas nas ruas, faixa de pedestres, balões de conversão, morro com favelas e antenas parabólicas, beira mar, fios de eletricidade, prédios com muitas janelas, casas, condomínios, trânsito, igrejas, ruas retas e curvas, planificadas, geométricas e irregulares, quarteirões, estacionamentos, praças, parques, terrenos baldios, canteiros, cemitério, aeroporto, lago, viadutos. Os locais de consumo, diversão, emergência, que aparecem identificados por letreiros são salão de baile, cinemas, lojas, bares, boates, restaurantes, locadora de vídeo, imobiliária, video-pôquer, supermercado, bingo, shoppings, pizzarias, banco, casa de boliche, caixa eletrônico drive-thru, escola, empresas, banca de jornal, hospital, cadeia, banco, choperia, gruta do amor, show bar, faculdade, motel, hotel, casa de velhos (asilo ou casa de repouso), lanchonete, parque de diversão, mecânica e

elétrica, loja de informática, doceria, farmácia, escola de natação e judô, padaria, clube, zoológico.

Os automóveis que aparecem em demasia são os carros pois lhes é uma referência pessoal e familiar forte; mas não esquecem de colocar ônibus, motos, helicóptero de resgate do bombeiro, caminhão e táxi. Obviamente, a forma de locomoção dessas crianças pela cidade é marcada pelo uso do carro particular e, portanto, justifica a ênfase dada a ele. Curiosamente, apenas uma criança construiu uma cena de trânsito ou engarrafamento, colocando muitos carros perto uns dos outros, em fila. Uma outra substituiu o desenho da cena pela palavra “trânsito”. Todas as demais representações, embora mostrem alguns carros, os colocam em livre circulação, espaçando-os e espalhando-os pelas ruas desenhadas.

Aquela mesma criança foi, também, a única que esboçou uma representação de multidão, ajuntando muitas pessoas em um mesmo espaço, aguardando para atravessar a rua. Embora, muito presumivelmente, as crianças saibam que as cidades congregam multidões e aglomerações, isso não apareceu representado, prevalecendo indivíduos sozinhos, em pares ou em grupos pequenos. Talvez isso se deva pelo fato de não terem, tão freqüentemente, o convívio com multidões em situações de rua, pois a circulação por elas acontece pelo automóvel. Talvez, em um outro caso, se fosse pedida uma representação de shopping center no final de semana ou de uma praia nas férias, apareceriam os ajuntamentos de pessoas.

Nessas representações, também, a cidade é um lugar silencioso, mudo ou com pouco barulho, pois a poluição sonora, a confusão de sons, ruídos e chiados que compõem a música urbana não aparecem ou estão pouco evidentes. Apenas em um desenho aparecem claves de sol para indicar música saindo de um lugar. Usaram balões de diálogo para indicar falatórios ou trechos de conversa: “hi, hi, hi” acompanha o garoto que acaba de roubar o dinheiro de um transeunte, “pastel” é a fala de uma vendedora anunciando seu produto, “ó ó ó ó a melancia” é a fala do vendedor motorizado, “próximo” é o que diz o bilheteiro do cinema, “gostoso” é o que diz um cliente na pizzeria, “pai, tá um cheiro horrível”, “nós vamos sair daqui” é a conversa entre um adulto e uma criança em frente ao MC Donald’s, “au au” late o cão, “insira seu cartão” é o que diz a voz eletrônica gravada para o cliente do banco. Os sons onomatopáicos foram usados para representar: buzina “bi bi”, telefone “trim trim trim” e “z z z” para o ronco. E alguns corações vermelhos representam a paixão e o amor entre duas pessoas próximas fisicamente ou em pensamento.

O verde aparece para representar muita grama e gramado. As árvores

têm copa pequena ou são coqueiros e palmeiras; três delas são frutíferas. Alguns arbustos aparecem para representar jardins, ou seja, não a “natureza natural” mas a “natureza artificial” controlada e planejada pelos homens. Poucas flores. Na grande maioria dos desenhos, as árvores são representadas isoladas e, em alguns desenhos, a cidade é apresentada sem nenhuma árvore ou verde, prevalecendo o cinza do concreto ou o preto do asfalto.

As crianças basearam-se na cidade que conhecem ou vivem para representá-la e, por isso, muitos lugares e locais identificados nos desenhos são facilmente reconhecíveis por uma parcela dos moradores campineiros. Entretanto, como grande parte dessas crianças mora em Barão Geraldo, um distrito de Campinas, o que acabou sendo representado foi esse recorte de suas vivências, pois é esse o lugar que mais freqüentam e conhecem; o centro de Campinas é um lugar “distante”, ao qual vão ocasionalmente. Essa realidade os coloca como que em “exclusão” pois que estão “alheios” ou “ignoram” o centro urbano pela via de seus sentidos. Muito do que sabem lhes vem pela televisão, jornal ou comentários de terceiros. Um discurso muito ouvido revela essa quase separação entre esses dois lugares: “você não mora em Barão? Então você mora na cidade? Nossa! É longe!” Como se o distrito não fosse também a cidade!

Isso revela a urgência de mostrar a essas crianças, com esse tipo de vivência exclusiva e excludente, por seus próprios meios e sentidos, a cidade em que vivem, para poderem experienciá-la, re-conhecê-la ou conhecê-la, de fato (primeiro passo para a mudança); afim de se tornarem efetivos cidadãos.

Apenas três crianças optaram por representar outras cidades de seu conhecimento. Um desenhou a cidade de Bogotá, na Colômbia para onde havia viajado ao encontro de familiares. Basicamente representou-a por meio de um cruzamento e emaranhado de avenidas e viadutos, tudo muito cinza. Outro desenhou a cidade do Rio de Janeiro, de onde provêm seus pais. Escolheu representar um morro com favelas e uma cena de assalto à mão armada. E o terceiro optou pela representação de uma cidade litorânea, com prédios à beira mar e uma criança fazendo castelo de areia.

De 40 desenhos, 7 incluíram cenas ou situações de violência ou acidente, e foram feitos tanto por meninos quanto por meninas. Os três acidentes que aparecem são um ciclista que cai da bicicleta no meio da rua, um banhista que se afoga no mar e é socorrido pelo helicóptero dos bombeiros e uma colisão de carro seguida de incêndio, prontamente atendido por outro bombeiro. As cenas de violência referem-se, basicamente, a assaltos à mão

armada, com ou não presença de tiros e sangue. Os ladrões ou assaltantes aparecem em maior número em relação à polícia, em uma proporção de cinco para um. Aqueles são caracterizados por usarem revólveres (ou não, no caso do garoto que foge com uma nota na mão), máscara no rosto ou gorros na cabeça. O policial se caracteriza por usar um uniforme com a inicial P, e por portar uma arma no coldre ao lado do corpo, além do quepe.

Outro personagem facilmente identificável é o velho que, em todos os casos, foi representado usando uma bengala como auxílio para caminhar, mostrando uma redução do universo do velho nos dias de hoje. Além do mais, ele aparece em duas situações: caminhando ou sentado em uma cadeira de balanço, dentro de casa.

Outras informações podem ser extraídas das representações escritas, textuais dessas mesmas crianças e serão apresentadas a seguir. Ao final, algumas considerações serão feitas ao se aproximarem essas duas produções.

O QUE APARECE NOS TEXTOS INFANTIS SOBRE A CIDADE

Extraíndo informações mais generalizadas acerca da vida na cidade durante o dia e à noite, apresentadas nos textos das crianças, não aparecem diferenças significativas de atividades ou práticas específicas. Mostram a movimentação de pessoas e automóveis, indo e vindo de lugar para lugar, visitando locais para compra, diversão e entretenimento, *“as pessoas são apressadas e o trânsito é agitado”*; *“não dá para andar tranquilamente pela rua por causa de muito movimento de carros e pessoas”*; *“tem muito barulho”*; *“mas pode ser divertido”*.

Imprimem ritmo diferenciado para alguns dias da semana, justificando que as segundas-feiras são dias movimentados porque é o início da semana de trabalho, as sextas-feiras também são dias corridos pois as pessoas querem ir logo embora e chegar em casa, e que as terças, quartas e quintas-feiras são mais tranquilas. Esse cotidiano inclui pessoas trabalhando, indo ao médico, ao clube, para casa, às festas, esperando ônibus, conversando, andando de carro, shoppings cheios de gente, pessoas morrendo, pessoas nascendo, namorando, parindo, engravidando, vendo tevê, comendo, jogando, ouvindo histórias, lojas vendendo coisas etc.

Levam em conta o universo da marginalidade lembrando da presença de ladrões e da ocorrência de assaltos em todos os períodos; durante o dia *“porque tem mais gente fora de casa mas (em compensação) tem mais polícia”* e durante a noite *“porque não tem polícia e os bandidos aproveitam”*.

Falam da ausência de trabalho para muitos homens e mulheres, da falta de escolas e de estudo, de crianças pedindo esmolas, da existência de favelas ao lado de uma grande oferta de lojas para consumo.

Ao pensar nas categorias etárias e de gênero, levam em conta o fator origem social pois todos partem de seu próprio referencial; desse modo, quando buscam representar o fazer cotidiano de crianças, jovens, adultos e velhos, homens e mulheres, falam muito especialmente do que é mais comum para a classe social da qual fazem parte - e serão melhor percebidos e exemplificados no momento da análise de suas representações.

No imaginário dessas crianças, nesse período de infância o cotidiano mais comum gira em torno da escola, dos cuidados familiares para com elas, de aulas extras (de música, natação, basquete, vôlei e tênis, muito mais físicas do que artísticas), de visitas às casas de amigos e parentes, da brincadeira. O aproveitamento maior acontece durante a parte diurna pois que aparecem muitas atividades: vão à escola ou não, trabalham ou não, estudam, têm aulas extra-escolares, vão à casa do amigo, brincam, jogam bola, andam de bicicleta, empinam pipa, se enfeitam (as meninas), passeiam, fazem lição de casa, conversam, bagunçam. À noite, continuam brincando, aprontam nos restaurantes com os pais, vão às festas, ficam em casa com os pais, dormem na casa do amigo, assistem tevê, *"ficam trancados com medo de trovão em dias de chuva"*, *"ficam em casa o tempo todo"*.

Pensando nos jovens, atribuem o período da noite com o mais ocupado, pois mais cheio de atividades, principalmente ligadas à diversão. A parte diurna fica reservada para o estudo e atividades relacionadas a escola. Para essas crianças, o que é mais comum nesse período de juventude é ir à escola, montar grupo de estudo, se distrair, sair para namorar, namorar na praça, ir em lanchonetes e pizzarias, ir ao cinema, sair para a *"balada"*, *"ir bastante ao shopping"*, assistir filme em casa. Não se esquecem daqueles que podem estar assaltando, usando drogas e matando pessoas.

Pensando nos adultos, atribuem ao cotidiano desse período de vida, o trabalho, o descanso, o cuidado com a casa e os filhos, os passeios e lazeres, os namoros. Nesse momento de vida, esses sujeitos são vistos como os mais ativos pois o rol de ações e atividades que lhes atribuem é intenso tanto durante o dia quanto à noite. Desse modo, os adultos (homens e mulheres) trabalham ou não - as mulheres têm afazeres de professora, de doméstica, de empresária, de dona de loja, de professora de informática -, jogam futebol e empinam pipa com os filhos (os pais), bebem cerveja e fumam, vão ao cinema, namoram, jantam em restaurantes e bares, passeiam com os filhos, os levam à escola, buscam, levam na casa dos

amigos dos filhos, buscam, cuidam da casa e da família, fazem compras em mercados, conversam, “dão bronca”, “vêem novela”, vão ao shopping, “ficam em casa pois estão cansados”, visitam os amigos, saem “para ver as estrelas a olho nu ou no observatório”, “lêem livros para o mestrado e pós-doutorado”, vêem tevê, trabalham no computador, fazem faculdade, vão à missa, fazem “jantares à luz de velas”.

Quando pensam nos velhos, [5] os colocam ocupados durante o dia mas, curiosamente, lhes atribuem atividades mais paradas, sedentárias, que não necessitam ou exigem muita movimentação. A associação que fazem a esse período da velhice é com risco de doença (do coração – portanto, nada de grandes e fortes emoções!) e morte, preocupações com a saúde, descanso, caminhadas, sono e falta de disposição, cuidado da casa e preparo de comida. Durante o período da noite, são pouco ativos permanecendo, em geral, sentados. O interessante é que em um ponto, as crianças e os velhos se aproximam: a noite, para eles, é para dormir. Nesse imaginário, os velhos precisam descansar porque já trabalharam muito durante a vida e, as crianças, precisam dormir cedo para acordar e ir para a escola para se preparar para o trabalho futuro. O primeiro, dorme porque não tem disposição; o segundo, dorme porque precisa tê-la.

Apenas duas crianças escreveram que “alguns velhos trabalham” e uma outra escreveu que “alguns ainda estudam”. Segundo outras crianças, os velhos “vão para o asilo jogar xadrez e damas”, “jogam cartas”, “nenhum deles trabalha, não saem do asilo porque o mundo lá fora é perigoso. (Precisam ter) cuidado para não ter enfarte”, “ficam parados”, “não têm tanta disposição quanto os adultos”, “acordam cedo, lêem jornal, caminham”, “o avô sai para comprar ingredientes do almoço enquanto a avó pensa no que fazer. Quando o avô chega, os dois sentam para almoçar”, “dormem à tarde”, “organizam a casa e fazem comida”, “passeiam e tomam um pouco de ar fresco”, “dão voltas na praça”, “se divertem”, “estão indo para o hospital com doença e paradas cardíacas”, “fazem ginástica para coisas da saúde”, “ficam descansando, naquela vida boa”.

À noite, os velhos “ficam conversando, rezando, jogando”, “dormem”, “vêem tevê”, “lêem jornal”, “fazem crochê”, “ficam em casa”. Apenas uma criança muniu a imagem do velho de andança e poder aquisitivo; para ela, “os velhos compram sem parar”.

Esse imaginário é formado por imagens e reflexões individuais e coletivas, portanto, o que representam é uma criação, que passa por um processo de imaginação que alimenta e encaixa – quando convergem dados e símbolos – ou que desencontra e contradiz – quando divergem – aquilo que sabem, vêem, ouvem, sentem do universo social mais geral e mais específico porque imediato.

5 - Uma análise cuidadosa sobre os ciclos da vida associados a representações sociais ligadas ao fator etário pode ser encontrada no trabalho de Margareth Brandini Park, que tem como material de análise os almanaques de farmácia. Ver PARK, Margareth B. Histórias e leituras de almanaques no Brasil. Campinas: ed. Mercado de Letras/Fapesp. 1999.

Aproximar as informações oferecidas pelos desenhos e textos, ajudou a reforçar algumas idéias que se “repetiram” ou que apareceram de novo, complementaram-se mas, principalmente, deu outras possibilidades de interpretação para o papel do velho. O desenho o limitou à companhia da bengala e o texto permitiu dar outras atribuições a esse sujeito. Entretanto, podemos perceber um conhecimento maior, por parte das crianças, do cotidiano das crianças, jovens e adultos (de seu contexto social e cultural) e uma visão bastante estereotipada do cotidiano do velho, talvez por uma ausência ou pequeno contato rotineiro com ele e seu dia-a-dia, por estarem distantes ou apartados do convívio. Muito possivelmente, a maioria das crianças não mora com os avós e o contato acontece pela via das visitas.

A vivência mais usual de cidade que essas crianças têm, limita-se a um curto perímetro que envolve, basicamente, o trajeto da escola para a casa, para a casa dos amigos ou parentes, para os locais de aulas particulares (clube, inclusive), para o shopping e para a casa, novamente, e o mundo passa a ser observado pelo retângulo do vidro do carro.

Portanto, a vivência da rua, do Centro, dos marcos históricos, o contato com as diferentes gerações e classes sociais e étnicas que cruzam, encontram-se e desencontram-se pela cidade é urgente para as crianças (tanto quanto para as demais faixas etárias).

O segundo passo do trabalho com essa turma, envolveu uma preparação auditiva, pré-saída para as ruas do centro campineiro.

A SONORA POESIA NÔMADE

“O velho tanque
 Uma rã mergulha
 Barulho de água”
 Matsuo Bashô (1644 - 1694)

As dezessete sílabas deste haikai delineiam uma cena auditiva. Um tanque velho, possivelmente num velho e isolado jardim que vê no mergulho de uma rã, a ruptura do seu silêncio primordial, como se o chape desse pequeno anfíbio abrisse todo o universo sonoro contido na imagem. Evidentemente não se trata de uma descrição precisa dos sons ambientais, mas sim da construção poética de uma localidade desenhada a partir de um barulho n'água.

O possível espaço real dessa cena, embora passado e remoto, concretiza-se como presente através da relação com o leitor que o decifra e o escuta. O

som, considerado um fenômeno temporal, resiste à sua efemeridade como palavra, apropriando-se da memória de quem a lê para reconstruir o espaço vivido pelo poeta no pequeno verso.

Nesse sentido o poeta transforma-se em um colecionador de sons (assim como o é de palavras, sensações, imagens) que os grava para que se materializem e se transformem a cada leitura. E o leitor, no ato da leitura, torna-se também poeta, emprestando à obra a sua memória e subjetividade para completá-la dando a ela significação.

Um espaço vivido, uma sonoridade esquecida, caminho, memória. Para o nômade, a morada (espaço vivido) é o caminho que percorre; os poetas colecionam o que vivem, escutam, vêem ou mentem sentir. Em todas as épocas, são eles quem mais têm falado dos sons. *“E graças a eles, o mundo sonoro de um tempo anterior à possibilidade de gravação, não caiu engolido pelo vazio no qual, antes de 1877, desapareceu tudo o que se havia ouvido nesta terra”*. (CHION, 1998) Suscitar a apreensão do espaço através dos sons, refazer as trajetórias sonoras esquecidas dos nossos cotidianos, registrar em palavras aquilo que colecionamos na memória como sons e, ainda, criar uma representação plástica e sonora de uma suposição mental – música das esferas. Eis o caminho percorrido nas atividades musicais.

Após a apresentação do haikai de Bashô, foi proposto às crianças que, com a lembrança dos sons de seu cotidiano, criassem uma cena sonora em três versos, que inventassem um haikai.

“O barulho vem da cozinha
É a frigideira
Que delícia!”

A escolha de uma cena recortada de suas experiências cotidianas consistiu nesse tempo-espaço vivido, dotado de valor afetivo que suscitava uma impressão sinestésica de algo vivenciado, uma memória, construída poeticamente através do formato do haikai. O passo seguinte seria transformar o trajeto cotidiano em espaço vivido, e para isso cabia a questão: quais sons escutamos nos trajetos que percorremos no nosso dia-a-dia, indo e vindo de diferentes lugares?

Como estímulo e provocação para a busca dessa “resposta”, as crianças assistiram a exibição do filme iraniano *O Silêncio*, (1998) de Mohsen Makmalbaf, em que a relação do protagonista com os sons da sua intimidade, sua casa e seu trajeto, determina o valor simbólico da escuta dos sons no espaço fílmico. No filme, o personagem Korshid, um garoto cego, afinador de

instrumentos musicais, que precisa pagar os alugueis atrasados da casa onde mora com sua mãe, percorre as ruas da cidade resignificando os sons que escuta e à procura de uma música que toque o coração de seu senhorio, de modo a persuadi-lo a desistir do despejo iminente.

As crianças refizeram, então, provocadas pelo filme, seus trajetos da casa para a escola e da escola para casa, atentos ao sentido da escuta.

Ouvir não é escutar. Ouvir é estar sensível a todas as manifestações acústicas do ambiente, enquanto que o ato de

“escutar é a interface primeira onde a informação é trocada entre o indivíduo e o meio ambiente. O sistema auditivo pode processar a entrada de energia acústica e criar sinais neurais, mas escutar envolve altos níveis cognitivos que extraem informações usáveis e interpretam seus significados”. (SANTOS, 2002)

Essa idéia de escuta interessava ao trabalho na medida em que estimularia nas crianças uma postura ativa e criativa em relação aos sons e às músicas que ouvimos; uma escuta equilibrada dos sons cotidianos, tal qual defende o compositor e educador musical canadense Murray Schafer. Sua preocupação é incitar a sociedade à preservação de marcos sonoros que tenham valor simbólico para uma comunidade. Para tal, propõe uma nova postura de escuta, que seja ativa e criativa, que reflita sobre o entorno sonoro e a responsabilidade na composição das paisagens sonoras dos grandes centros urbanos. A terminologia “soundscape” criada por ele, ou em português, a paisagem sonora, refere-se a ambientes reais ou a construções abstratas vistas como campo de estudo do ambiente sonoro.

A idéia de uma escuta que inventa, nos aproxima novamente do poeta colecionador de sons, ou mesmo do músico compositor. E, nesse exercício de criação, esses poetas sonoros (os que já o são e aqueles que o podem ser, de qualquer idade, e neste caso, as crianças) dirigem suas escutas para o valor simbólico dos ruídos e dos sons ambientais e musicais.

Passamos a planejar uma visita ao centro de Campinas para captação dos sons de praças, mercados, terminais de ônibus e personagens anônimos da cidade. Porém, antes, gravávamos os sons da escola e seu entorno.

Todos esses passos anteriores funcionaram, também, como preparação para uma pesquisa direta de sons, imagens, movimentações, cheiros, cores, sensações, interações entre as diferentes pessoas e a cidade.

“VIVAACIDADE”

O terceiro passo deu-se com saída do espaço da escola, de ônibus particular, em direção à parte central de Campinas. Chegamos, então, ao dia da gravação de imagens e sons da cidade. Percorremos a pé o Mercado Municipal (Mercadão), o terminal de ônibus Miguel Vicente Cury, o Largo do Pará e o Largo São Benedito, escutando e colecionando diversas impressões acerca desses espaços de convivência, circulação e passagem.

As crianças e nós, adultos-professores, passeávamos e íamos re-conhecendo essas localidades, prestando atenção aos cheiros, cores, sons, à – surpreendente – simpatia das pessoas vendedoras ao verem passar aquela turma curiosa de 21 crianças, oferecendo balas e chamando-nos de forma carinhosa. A proximidade corporal, os encostões, os abraços repentinos de transeuntes, a princípio constrangeu algumas crianças mas, aos poucos foram relaxando e aproveitando o momento e a excelente forma com que fomos recebidos. Essa talvez tenha sido a memória mais marcante desse primeiro passeio, mais do que a profusão de odores, olores, coloridos, os barulhos, principalmente por contrastar com os corriqueiros anúncios de violência veiculados pela mídia e por muitos adultos também. O contato próximo com as multidões de pessoas andando sem parada, colocou-nos em necessário contato com o povo – no sentido de pequenas aglomerações – e, principalmente, com pessoas com jeitos diferentes de se vestir, pentear, de estilo, de gosto, de altura de voz, familiar mas, ao mesmo tempo, diferentes dos nossos.

Munidos de uma câmera fotográfica digital, que foi passando de mão em mão, todos fizemos fotos do que víamos, gostávamos, sentíamos, escutávamos, tocávamos, fazíamos. Enquanto isso, o professor de música, de posse de um gravador, colecionava os detalhes sonoros que compunham os ambientes por onde passávamos, sugeridos pelas crianças ou escolhidos por ele próprio: vassouras roçando o chão, cigarras zunindo, balanços rangendo, pássaros conversando, carros esbravejando, velhos filosofando, água espirrando, crianças brincando. Ou de vassouras espirrando, cigarras esbravejando, balanços conversando, pássaros zunindo, carros filosofando, velhos rangendo, crianças roçando o chão, como um exercício de criação de cenas e poesias sonoras.

Todo esse material gravado foi, posteriormente, re-apresentado às crianças como um exercício de memória e identificação de escuta, além de ter sido mixado, reconfigurado e recontextualizado como uma nova ambientação sonora para uma instalação, denominada “Vivaacidade”, apresentada na semana da Mostra Cultural da escola.

Essa instalação procurou retratar aspectos do viver urbano campineiro, congregando as informações e sensações que tivemos e construímos nesse tempo de trabalho e pesquisa com o tema da cidade – incluindo a história de Campinas, seu surgimento como passagem de tropeiros para o Caminho dos Goiaes e suas transformações agrícolas (cultura de cana-de-açúcar, de café), urbanas e tecnológicas (pólo empresarial, industrial e de conhecimento científico).

Os sons e ruídos diários que ouvimos e nos damos conta ou que nem sequer prestamos atenção, os falatórios e as gritarias das pessoas fizeram a ambientação sonora; as cenas do dia-a-dia envolvendo prédios, edifícios, casas, propagandas, outdoors, pássaros, árvores, pessoas, automóveis, comércios, foram representadas e pintadas em oito grandes painéis de tecido que foram pendurados nas vigas do teto da sala. Mapas de Campinas foram colados no chão da sala e serviram como redes de caminhos que dão suporte para os andares dos caminhantes e como ponto a partir do qual as construções se elevam e as relações interpessoais se estabelecem. Esculturas concebidas e confeccionadas por grupos de crianças, usando reciclagem de materiais diversos – como roda de bicicleta, estrutura de guarda-chuva, volante de carro – ou não – calha de zinco, papelão, panos de tnt – (partindo de pesquisas sobre as obras de Amílcar de Castro, usando cortes e dobras em ferro e as esculturas voadoras de Calder) funcionaram como monumentos e ficaram adornando um “jardim de esculturas”. Para completar, um grande mercado de trocas de coisas e objetos sem uso, que as próprias crianças se encarregaram de organizar, conduzir e concretizar.

Para que todo esse material – ou parte dele – não se perdesse ou se dispersasse e, com uma preocupação de “amarrar” todos os passos de feitura desse trabalho, pensamos em organizar e construir um cd-rom interativo que pudesse servir como arquivo de variados registros e produções, documento e memória de uma construção coletiva sobre um tema de trabalho: o viver na cidade. Desse modo, também, cada criança poderia levar consigo, além da sua memória particular do que viveu, um produto contendo todos os registros feitos por cada criança e professor da turma.

Contando com a ajuda de uma professora especialista na linguagem e na mídia e com uma criança, aluno da *Ger@ção Clique*, [6] confeccionamos uma primeira versão do projeto que tínhamos em mente. Ele contém, além da apresentação e identificação da turma, um mapa da cidade de Campinas, dividido em quatro partes, sendo que cada uma delas refere-se e dá *link* para um aspecto do material. Na posição sul há saída para “O começo de Campi-

6 - Agradecimentos especiais à profa. Ann B. Valente e a Tomás L. Leme, sem os quais a confecção do cd-rom não teria ocorrido.

nas”, contando uma breve história das transformações da cidade e contendo representações dos tropeiros a partir dos desenhos das crianças; na posição central inferior há saída para “Representações da cidade”, contendo os textos e os desenhos de cada criança representando a vida na cidade durante o dia e a noite e, ao longo da semana e aos finais dela; na posição central superior há saída para “Retratos da cidade”, em que aparecem as fotos feitas durante nosso passeio a pé por locais do centro de Campinas, sob o sol e sob a chuva, algumas delas associadas com sons individuais referentes a imagem; e na posição norte há saída para “Ver e ouvir a cidade”, em que aparecem fotos da instalação “Vivaacidade” sobrepostas a três trilhas sonoras compostas e mixadas com os sons gravados das ruas, praças e falas.

A linguagem do cd-rom, por sua característica de favorecer a entrada e saída para as páginas de seus assuntos, possibilitando ligações e aproximações entre seu conteúdo, oferece para o seu manuseador tanto uma apreciação estética do que se dá a ver como também proporciona um exercício de estabelecimento de relações entre as produções – não do tipo comparativo – dos diferentes autores. No nosso caso, permitiu a reflexão e interpretação de um material vasto sob a óptica das crianças acerca de como lidam e pensam a cidade em que habitam.

Poder re-conhecer a cidade mais de perto e de forma mais imediata mostrou ser altamente necessário e enriquecedor da experiência do viver coletivo e para a formação do cidadão. Embora este relato tenha contemplado uma vivência de certa forma, esporádica, por não ser – ainda – a constante do trabalho escolar, foi um disparador para a perpetuação dessa prática e os resultados positivos e satisfatórios advindo daí, incentivam outros projetos semelhantes que possam vir a acontecer com crianças de diferentes faixas etárias.

É nessa relação do cidadão com a sua cidade que ambos tomam existência, pois passam a ser vistos e enxergados; para que não desapareçam ou tornem-se invisíveis um ao outro como na história narrada por HILLMAN (1993: 56):

“Era uma vez um menino chamado Milo, que chega numa cidade onde todos andam apressados, olhando para o chão, como que sabendo exatamente para onde estão indo. Mas ele não vê construções nem ruas. Tudo desapareceu. Alguém explica para ele: ‘há muitos anos, neste mesmo lugar, havia uma linda cidade, cheia de casas bonitas e lugares atraentes... as ruas eram cheias de coisas maravilhosas para se olhar e as pessoas sempre paravam

para olhar para elas.

Elas não tinham nenhum lugar para ir?

Claro que sim, mas, como você sabe, a razão mais importante de ir de um lugar para o outro é ver aquilo que há entre os dois lugares...

Aí, um dia, alguém descobriu que se você olhasse para nada e tomasse atalhos chegaria mais depressa. As pessoas tornaram-se obcecadas para chegar lá, correndo, depressa, olhando para o chão. E, porque ninguém mais ligava para as coisas à sua volta, tudo foi ficando cada vez mais feio e mais sujo e, como tudo foi ficando sujo e feio, as pessoas andavam cada vez mais depressa, e então, uma coisa muito estranha começou a acontecer. A cidade começou a desaparecer. Dia a dia, as construções iam diminuindo e as ruas desaparecendo. E as pessoas continuavam vivendo ali como sempre, nas casas, em prédios e nas ruas, que já não estavam mais ali, porque ninguém notava nada”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERNET TRILLA, Jaume. “Ciudades educadoras: bases conceptuales”. In: Zainko, Maria A. S. *Cidades Educadoras*. Curitiba: ed. UFPR, 1997, p. 13-34.
- CALVINO, Ítalo. *As Cidades Invisíveis*. SP: ed. Cia das Letras, 1990.
- CARRANO, Paulo C. R. *Juventudes e Cidades Educadoras*. RJ: ed. Vozes, 2003.
- CHION, Michel. *El Sonido, Música, Cine, Literatura...* Barcelona: ed. Paidós, 1998.
- GULLAR, Ferreira. *Cidades Inventadas*. RJ: ed. José Olympio, 1997.
- HILLMAN, James. *Cidade e Alma*. SP: ed. Nobel, 1993.
- PARK, Margareth B. *Histórias e Leituras de Almanques no Brasil*. Campinas: ed. Mercado de Letras/Fapesp, 1999.
- PIOCHI, Eduardo. *Depois que Todo Mundo Dormiu*. SP: ed. Ática, 1980.
- SANTOS, Fátima C. dos. *Por Uma Escuta Nômade: A Música dos Sons da Rua*. SP: ed. Educ, 2002.
- SHAFER, Murray. *A Afinação do Mundo*. SP: ed. Unesp, 1997.